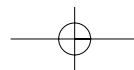
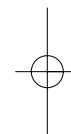


# Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo



Prefeita da Cidade de São Paulo  
*Marta Suplicy*

Secretária Municipal de Assistência Social  
*Aldaíza Sposati*

O *Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo* é uma publicação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento-Cebrap, do Serviço Social do Comércio-SESC e da Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo, SAS-PMSP.

Volume 1 - Município de São Paulo  
Volume 2 - Zonas Norte, Oeste e Centro do Município de São Paulo  
Volume 3 - Zona Sul do Município de São Paulo  
Volume 4 - Zona Leste do Município de São Paulo

Participaram deste volume  
Supervisão geral: *Haroldo da Gama Torres*  
Coordenação e redação: *Sandra Bitar*  
Confecção de mapas: *Camila Saraiva*  
Coordenação editorial: *Otacílio Nunes*  
Editoração: *Divina Rocha Corte, Antonio Ubirajara Domiencio*  
Projeto gráfico: *José Rodolfo Arantes de Seixas*

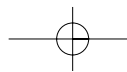
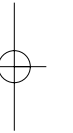
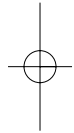
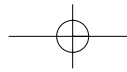
Este trabalho foi realizado no Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Participaram dele: *Eduardo Cesar Marques, Haroldo da Gama Torres, Sandra Bitar e Renata Mirandola Bichir*. Colaboraram em estudos específicos: *Maria Paula Ferreira, Julia Andrade e Marcel de Moraes Pedroso*.

O Centro de Estudos da Metrópole, com sede no Cebrap, desenvolve atividade de pesquisa, transferência de conhecimento e difusão de informações a respeito da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Para tanto, o Cebrap se associou às seguintes instituições: FAU/USP, SEADE, SESC e ECA/USP. O Centro é apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no âmbito de seu programa Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID). Mais informações no site [www.centrodametropole.org.br](http://www.centrodametropole.org.br)

São Paulo, 2004.

# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>1. Introdução</b>	<b>6</b>
<b>2. O Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo</b>	<b>8</b>
<b>3. A vulnerabilidade social nas subprefeituras que compõem as Zonas Norte, Oeste e Centro</b>	<b>18</b>
A. INDICADORES ASSOCIADOS ÀS CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO	23
B. INDICADORES DE VULNERABILIDADE ENVOLVENDO CRIANÇAS PEQUENAS	25
C. INDICADORES DE RISCOS ASSOCIADOS À JUVENTUDE	29
D. A DISTRIBUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS	33
<b>4. Considerações finais</b>	<b>34</b>
<b>5. Anexos</b>	
ANEXO 1 - FONTES DE DADOS UTILIZADOS	36
ANEXO 2 - TABELAS POR DISTRITO	38
ANEXO 3 - MAPAS POR SUBPREFEITURA	52



## Apresentação

A cidade de São Paulo, que comemora seus 450 anos, ganha novos matizes em sua cartografia social, na medida da dinâmica de sua realidade e a partir dos novos olhares que surgem sobre o cotidiano dessa metrópole de 10,4 milhões de habitantes. Essa população ocupa os mais diferentes territórios (re)produzidos incessantemente em um movimento de fluxo e refluxo demográfico, diferenças, diversidades e desigualdades sociais.

A Secretaria Municipal de Assistência Social vem apresentar e presentear a cidade de São Paulo com os resultados da pesquisa Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo, desenvolvida em parceria com o Centro de Estudos da Metrópole - CEM/Cebrap. Este estudo, construído na escala mais próxima de vida cotidiana dos moradores de São Paulo, os mais de 13 mil setores censitários, nos aproxima da escala de vizinhança que agrega 200 a 250 famílias. Condomínio horizontal de condições de vida, permite-nos distinguir os agregados familiares em uma escala de oito grupos, que se distribuem entre baixa, média, alta e altíssima privação social.

Uma bússola social que se vale das técnicas de georreferenciamento e permite ressignificar o chão da cidade para orientar a instalação de programas sociais de enfrentamento da vulnerabilidade, da exclusão e da miséria, ampliando a acertada escolha de prioridades para as políticas sociais e econômicas direcionadas para a justiça social e a inclusão social.

Cumpre-se com este trabalho o papel da política pública de assistência social de exercer a vigilância social de vulnerabilidades e riscos sociais.

Cumpre-se também a meta do Plano de Assistência Social da Cidade de São Paulo 2002/2003 que determina ser necessário que a base territorial do planejamento da política de assistência social seja assentada nos 96 distritos. Isto exige o avanço na construção de indicadores intradistritais que identifiquem, através do geoprocessamento, as características dos setores censitários e os locais de agudização de riscos sociais.

Com esperança centrada em uma cidade mais humana e incluyente, com menos riscos e vulnerabilidades sociais é que o governo da reconstrução de São Paulo oferece este estudo.

Aldaíza Sposati

*Secretária Municipal de Assistência Social da Cidade de São Paulo*

# 1. Introdução

## Sobre a vulnerabilidade

*A vulnerabilidade social foi entendida aqui como uma combinação entre elementos de privação socioeconômica e características demográficas das famílias. Considera-se que um setor censitário apresenta alta concentração de população vulnerável quando ele apresenta situações de privação expressadas por baixos níveis de renda e escolaridade aliados a determinados perfis demográficos – como, por exemplo, a elevada presença de crianças ou de idosos, a expressiva presença de mulheres com baixa escolaridade ou de pessoas muito jovens na condição de chefes de família. A presença de crianças ou de idosos revela o grau de autonomia/dependência de cada membro no conjunto do grupo familiar – o que amplia a condição do chefe de família de ser provedor de múltiplos dependentes. A intensidade da vulnerabilidade social varia de acordo com o grau de privação e com a maior ou menor presença desses grupos etários – compondo grupos sociais com perfis particulares.*

A cidade de São Paulo apresenta indicadores sociais médios bastante bons quando comparados aos do restante do país. Em 1991, o município apresentava o 13º e o 57º melhor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M Ipea/Pnud) do estado e do país, respectivamente (0,804); tinha em 2000 uma taxa de analfabetismo baixa para o padrão brasileiro (5,6%), e registrava, também em 2000, uma taxa de mortalidade infantil bastante baixa para o país (15,8/mil). Entretanto, apesar de os valores médios dos indicadores sugerirem uma situação social de razoável a boa, uma parte expressiva da população da cidade de São Paulo está submetida a pobreza extrema, assim como a baixas condições de vida.

Um exemplo disso é a informação do Censo Demográfico de 2000 de que cerca de 500 mil chefes de domicílio têm renda mensal inferior a dois salários mínimos, quase 20% do total de chefes.

A situação dessa parcela da população só se torna visível quando se desagregam as informações referentes aos seus 10,4 milhões de habitantes e se analisam os diferentes grupos sociais que compõem a cidade.

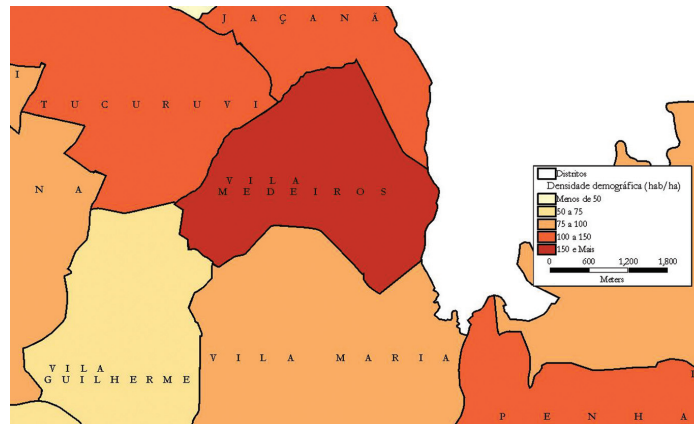
Esse foi o esforço realizado pelo Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo. Com base nas informações fornecidas pelo Censo Demográfico de 2000, procurou-se identificar, com a maior precisão possível, quais as principais características socioeconômicas dos grupos sociais e que áreas da cidade estão mais expostas a situações de **vulnerabilidade**.

Para tanto, foram separados os mais de 13 mil setores censitários da cidade de São Paulo em oito tipos de setores censitários diferentes. Em cada um deles, procurou-se identificar uma situação particular de vulnerabilidade, variando de acordo com a intensidade da pobreza e o perfil da família de um dado território da cidade. As características da família foram consideradas com especial importância neste estudo pois, muitas vezes, o perfil do grupo familiar aponta para necessidades sociais específicas que orientam o conteúdo de serviços públicos a ser adotado.

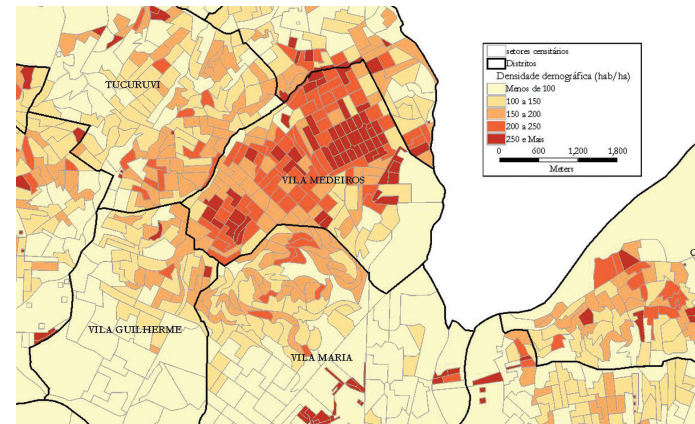
O leitor poderá observar que mesmo no interior dos distritos das periferias mais distantes, diferente é a intensidade da vulnerabilidade nos vários setores censitários aí localizados, e específicos são os problemas. Se nem sempre é possível detectar cada especificidade, ao menos é possível identificar, por exemplo, em que lugares há maior demanda por equipamentos sociais voltados para idosos ou em que áreas da cidade seria importante implementar uma política de educação infantil.

É importante, ainda, considerar as diferenças entre as regiões da cidade no que se refere à desigualdade de acesso a serviços e equipamentos públicos. Isso porque a vulnerabilidade social de um grupo pode ser amenizada pelo provimento de serviços e políticas promovidas pelo Estado: lugares com bom atendimento de saúde, bairros com boas escolas e com espaços de lazer – sem falar em adequadas condições de habitação – podem ter impactos positivos sobre a situação de vulnerabilidade socioeconômica das famílias.

## Densidade demográfica por distrito



## Densidade demográfica por setor censitário



## Sobre o setor censitário

O setor censitário é a menor unidade de coleta de dados que o IBGE utiliza para obter informações a respeito das pessoas. Para se ter uma idéia da riqueza de detalhes que o setor censitário permite ver, basta pensar que o município de São Paulo tem apenas 96 distritos – enquanto o número de setores censitários ultrapassa 13 mil. Em cada um deles, moram em média, 250 famílias, aproximadamente 1.000 pessoas. A produção de estudos nessa escala permite, assim, uma grande desagregação dos dados, aumentando enormemente a precisão das informações e a detecção das diferenças sociais que existem no interior de cada distrito da cidade.

Podemos observar ao lado um exemplo de como essas diferenças se representam num mapa. No primeiro mapa, é apresentada a densidade demográfica por distrito, e no segundo, a densidade demográfica por setor censitário. (Em destaque, os distritos da Zona Norte).

Por outro lado, lugares fortemente marcados pela ausência de infra-estrutura urbana, pela alta incidência de agravos de saúde na população infantil ou, ainda mais grave, pela elevada presença de homicídios envolvendo a juventude, certamente configuram cenários de extrema precariedade, acentuando enormemente a situação de vulnerabilidade das famílias que lá residem.

Por essa razão, o Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo procurou incorporar também essas outras dimensões: além de mapear as características socioeconômicas e demográficas dos grupos sociais, produziu um mapeamento da distribuição dos equipamentos públicos na cidade e da incidência das principais situações de risco envolvendo crianças pequenas e grupos etários jovens.

No presente caderno, a situação de vulnerabilidade das Zonas Norte, Oeste e Centro do Município de São Paulo será apresentada a partir dessas diversas perspectivas. Na seção 2, são apresentadas as características sociais dos oito grupos de vulnerabilidade, bem como a metodologia de construção do Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo. Na seção 3, são apresentados indicadores produzidos a partir de outras fontes de dados e que caracterizam as Zonas Norte, Oeste e Centro do ponto de vista da exposição a riscos específicos – tais como condições de moradia inadequadas, agravos de saúde envolvendo crianças pequenas, gravidez precoce e alta incidência de homicídio entre jovens. Em seguida, é apresentada a distribuição espacial da rede de equipamentos públicos existentes nessa região e que podem contribuir para amenizar a situação de vulnerabilidade das famílias. Na última seção, apresentam-se as considerações finais, destacando as áreas que se caracterizaram pela presença significativa de riscos sobrepostos.

## 2. O Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo

O Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo foi produzido a partir dos dados do universo do Censo Demográfico de 2000 do IBGE, que apresenta as principais características da população, especialmente no que se refere aos níveis de instrução, idade e sexo dos chefes de domicílio.

Para realizar o estudo, foram utilizadas as informações disponíveis para os 13.120 setores censitários do Município de São Paulo. Esses setores foram classificados de acordo com a maior ou menor presença de características sociais que contribuem para tornar uma família mais vulnerável socialmente.

Para tanto, foi necessário identificar, num primeiro momento, quais eram essas características, isto é, quais as variáveis que melhor expressam o que se entende por vulnerabilidade social. Do Censo de 2000, foram selecionadas dezoito variáveis utilizadas em estudos sobre a pobreza, que foram submetidas a uma técnica estatística chamada "análise fatorial". Essa técnica permite identificar, ao mesmo tempo, quais são as variáveis significativas para caracterizar o fenômeno e quais delas estão mais associadas internamente – podendo ser, por essa razão, consideradas parte de uma mesma dimensão – ou, em termos estatísticos, de um mesmo "fator". Tal procedimento permitiu identificar as duas dimensões que posteriormente iriam dar origem aos grupos: a dimensão de privação socioeconômica (fator 1) e a dimensão demográfica (fator 2).

A dimensão socioeconômica (fator 1) refere-se basicamente à presença elevada de chefes de família com baixos níveis de renda e escolaridade, o que tem importantes conseqüências para as condições de educação, saúde e nutrição dos filhos. Pode ser interpretada com um fator que reúne as condições – conjunturais e estruturais – que colocam presentemente ou podem colocar no futuro os moradores de um setor em uma situação de privação socioeconômica. O *Mapa 1*, apresentado mais à frente, traz a distribuição espacial dessa dimensão para o Município de São Paulo e assinala a segregação social existente na cidade. Evidencia-se nele a concentração de setores de baixa privação no vetor sudoeste, onde residem as famílias mais ricas. Excetuando-se essa região, mesclam-se setores com índices mais elevados de privação, sem que necessariamente essa gradação se intensifique na periferia mais distante. A dimensão de privação representa um forte indicador das desigualdades sociais, assinalando a separação espacial entre grupos com diferentes condições socioeconômicas.

Já a dimensão demográfica (fator 2) destaca as características relativas à composição familiar que podem acentuar a situação de vulnerabilidade dos grupos de baixa renda – tais como elevada presença de crianças pequenas ou de chefes de domicílio jovens. A distribuição dessa dimensão (apresentada no *Mapa 2*) é um pouco diferente da verificada no fator 1, com contigüidades espaciais mais claras. Nota-se que a maior presença de famílias jovens com filhos pequenos concentra-se nas áreas periféricas, mais precisamente nas extremidades do município.

Na *Tabela 1* a seguir são apresentadas as dezoito variáveis que compuseram inicialmente o estudo, as onze que permaneceram na análise e a qual fator cada uma delas está mais fortemente associada.



**Tabela 1**  
**Variáveis usadas na análise fatorial**

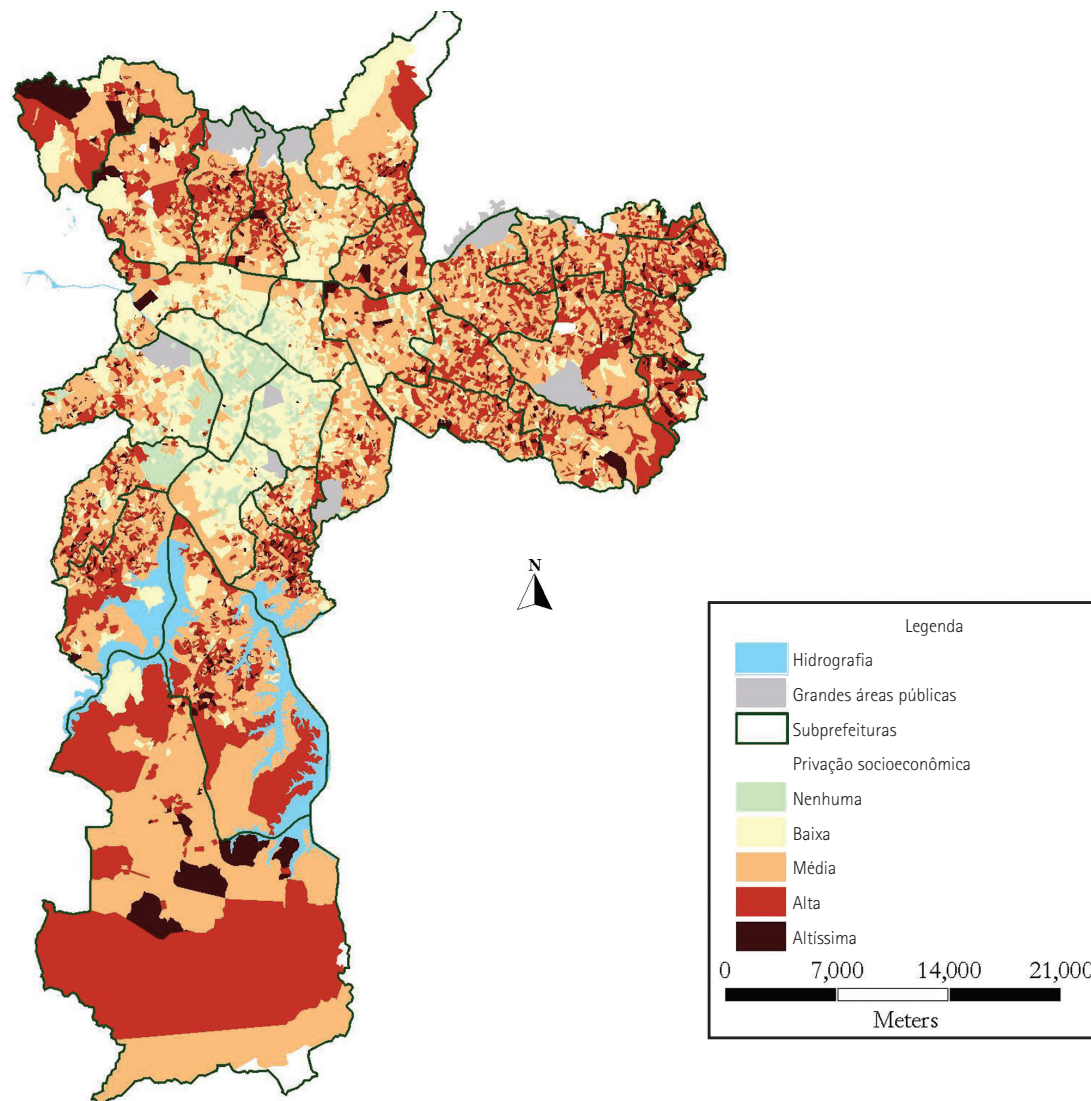
Variáveis consideradas na análise	Variáveis que permaneceram no modelo	Fator a que está mais associada
<b>Educação</b>		
Porcentagem de responsáveis pelo domicílio alfabetizados no total de responsáveis	Sim (V01)	Fator 2
Porcentagem de responsáveis pelo domicílio com Ensino Fundamental completo no total de responsáveis	Sim (V02)	Fator 1
Anos médios de estudo do responsável pelo domicílio no total de responsáveis no setor censitário	Sim (V03)	Fator 1
<b>Renda</b>		
Rendimento nominal médio do responsável pelo domicílio no setor censitário (em R\$, valores de julho de 2000)	Sim (V04)	Fator 1
Porcentagem de responsáveis com rendimento de até três salários mínimos, inclusive renda zero, no total de responsáveis	Sim (V05)	Fator 1
<b>Idade e estrutura familiar</b>		
Porcentagem de responsáveis por domicílio com idade entre 10 e 29 anos no total de responsáveis	Sim (V06)	Fator 2
Idade média do responsável pelo domicílio	Sim (V07)	Fator 2
Porcentagem de crianças de 0 a 4 anos no total de pessoas residentes no setor censitário	Sim (V08)	Fator 2
Porcentagem de adolescentes de 15 a 19 anos no total de pessoas residentes no setor censitário	Sim (V09)	Fator 1
Porcentagem de jovens de 20 a 24 anos no total de pessoas residentes no setor censitário		
<b>Condições de Habitação</b>		
Porcentagem de domicílios sem coleta de lixo (porta ou caçamba) no total de domicílios		
Porcentagem de domicílios sem abastecimento de água (canalização interna) no total de domicílios		
Porcentagem de domicílios sem banheiros ou sanitários no total de domicílios		
Número médio de moradores por banheiro ou sanitário no setor censitário no total de domicílios		
Porcentagem de domicílios alugados no total de domicílios		
Porcentagem de domicílios particulares permanentes classificados como "cômodo" no total de domicílios		
Tamanho médio do domicílio no setor censitário	Sim (V10)	Fator 1
<b>Gênero</b>		
Porcentagem de responsáveis do sexo feminino com no máximo Ensino Fundamental no total de responsáveis	Sim (V11)	Fator 1

Fonte: Censo Demográfico de 2000, IBGE.

As variáveis referentes às condições de habitação – como cobertura de água, coleta de lixo e domicílios com banheiro – apresentaram cobertura quase universal nos setores censitários (98%, 97% e 99%, respectivamente), indicando que essas variáveis, ao contrário do que ocorria em décadas passadas, não são mais tão relevantes na caracterização de populações segregadas, não podendo ser utilizadas como indicadores de carência. Isso ocorreu especialmente por causa da atuação do Estado, que expandiu a cobertura desses serviços de modo quase universal. Entretanto, com relação aos serviços de esgoto, esse aumento da oferta não ocorreu com igual intensidade. Ainda há um grande número de domicílios que não conta com esses serviços, em geral localizados em áreas de ocupação mais recente ou com algum tipo de restrição quanto à legalidade da terra e da ocupação. Por essa razão, esse indicador foi incluído na seção relativa às condições de habitação.

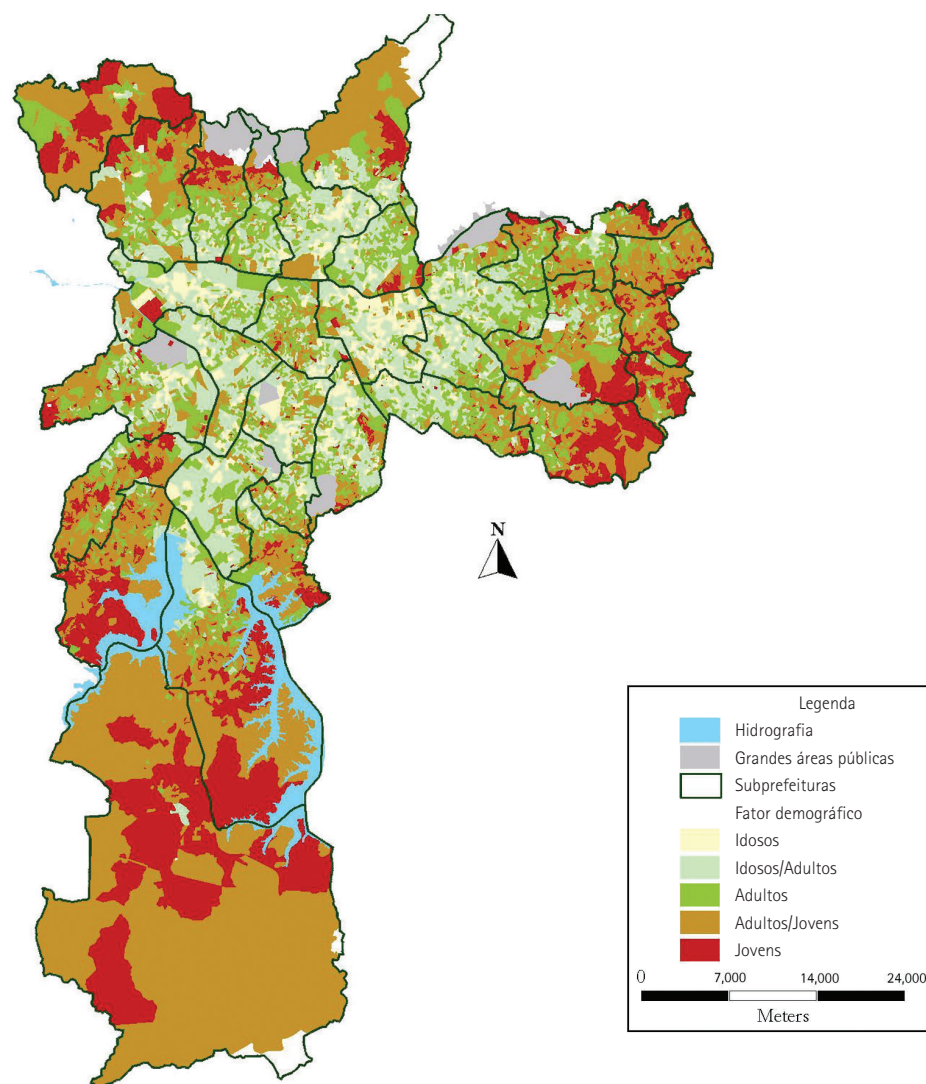
### MAPA 1 Setores censitários classificados segundo a dimensão de privação socioeconômica (fator 1). Município de São Paulo, 2000.

O Mapa 1 apresenta a distribuição do fator de privação socioeconômica do Município de São Paulo. Os setores censitários que possuem alta dimensão de privação (fator 1) possuem, simultaneamente, baixos níveis médios de renda e educação, alta proporção de famílias muito pobres, alto número médio de habitantes por domicílio, alta proporção de mulheres com pouca escolaridade como responsáveis pelo domicílio, além de alta proporção de adolescentes. São inúmeras as conseqüências desse acúmulo de indicadores, como maiores dificuldades na obtenção de emprego (considerando-se os baixos níveis de escolaridade e informação a que essa população está sujeita), menor renda familiar no caso das famílias chefiadas por mulheres com baixa escolaridade (considerando-se, principalmente, as dificuldades impostas por uma única fonte de renda na manutenção de uma família), piores condições de saúde, nutrição e educação.



Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002.

## MAPA 2 Setores censitários classificados segundo a dimensão demográfica (fator 2). Município de São Paulo, 2000.



Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002.

A composição demográfica da população residente no setor censitário tem especial relevância para as políticas públicas por implicar a necessidade de adequação dos equipamentos públicos e programas a grupos etários específicos.

Os setores censitários com altos níveis dessa dimensão apresentam população jovem, maior número de crianças pequenas e menor número de chefes de domicílio mais velhos. É surpreendente a constatação de que as áreas com mais chefes de domicílio jovens são também áreas com alta proporção de analfabetos, o que pode ser, entre outras coisas, um resultado de padrões de migração.

Como podemos ver no Mapa 2, a estrutura etária varia de modo considerável ao longo do espaço – e pode ser considerada uma resultante do processo histórico de ocupação da cidade. Áreas consolidadas, que receberam os primeiros contingentes populacionais do município, como o centro expandido, abrigam as famílias mais idosas, enquanto áreas periféricas, maiores receptoras da população migrante, concentram famílias mais jovens. A exceção são os distritos do centro histórico, que ainda hoje apresentam contingentes importantes de famílias jovens.

Os grupos de vulnerabilidade foram classificados a partir da combinação da dimensão de privação socioeconômica e da dimensão demográfica antes descritas. Tal combinação foi feita a partir da aplicação de uma outra técnica estatística denominada "análise de agrupamentos", que permite agrupar os setores censitários que possuem características sociais comuns. A desagregação em oito grupos de vulnerabilidade foi feita considerando-se a intenção de captar a heterogeneidade existente nas áreas que costumamos chamar genericamente de "periferia".

A Tabela 2, apresenta as características socioeconômicas dos chefes de domicílio em cada grupo de setores.

**Tabela 2**  
Características socioeconômicas dos responsáveis pelos domicílios,  
segundo os grupos de vulnerabilidade. Município de São Paulo, 2000.

Grupos	% de responsáveis por domicílio com renda de até 3 salários mínimos	Renda média nominal do responsável (Em R\$) <sup>1</sup>	% de responsáveis alfabetizados, no total de responsáveis do grupo	% de responsáveis com ensino fundamental completo, no total de responsáveis do grupo
Grupo 1 (Nenhuma privação) Grupo 2 (Pruvação muito baixa)	7,7 20,3	4.291 2.324	99,7 98,1	90,6 73,9
Grupo 3 (Baixa prruvação e idosos) Grupo 6 (Média-baixa prruvação e idosos) Grupo 4 (Média prruvação e adultos)	30,3 42,5 46,2	1.254 822 705	97,2 94,9 93,6	57,7 45,2 42,7
Grupo 5 (Alta prruvação e jovens) Grupo 7 (Alta prruvação e adultos) Grupo 8 (Altíssima prruvação e jovens)	67,2 60,4 75,9	411 491 332	86,9 89,4 81,8	25,2 31,5 19,1
Total	40,1	1.320	94,1	51,1

Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrôpole-CEBRAP, 2002.

<sup>1</sup> Em julho de 2000, o valor do salário mínimo era R\$ 151,00.

*É importante destacar o grande percentual de chefes de domicílio com até 3 salários mínimos (SM) nos grupos 5, 7 e 8, que também apresentam as menores rendas nominais entre os grupos. Os melhores indicadores de renda estão concentrados nos grupos 1 e 2, como também os melhores níveis de instrução. Em relação aos dados de escolaridade, nota-se que há grandes variações, inclusive entre os grupos menos sujeitos a condições de prruvação.*

A Tabela 3, a seguir, apresenta as diferentes características dos grupos do ponto de vista de seu perfil demográfico. Observando-se a idade média, nota-se que nos grupos mais sujeitos a condições de prruvação (4, 5, 7 e 8) ela é mais baixa do que a média. Contudo, os grupos 5 e 8 são compostos por famílias mais jovens do que os grupos 4 e 7.

Considerando-se apenas os responsáveis por domicílio do sexo feminino, destaca-se a grande concentração de mulheres pouco escolarizadas como chefes de família nos grupos mais vulneráveis (chegando a 91,8% no grupo 8). É importante perceber que, apesar da pequena variação na proporção de mulheres responsáveis por domicílio entre os grupos, quando essa variável é vista associada à baixa escolaridade da mulher, a variação é muito grande, concentrando-se nos grupos mais sujeitos a condições de privação social. Esse elemento de gênero é importante e deve ser levado em consideração pelas políticas de assistência social. Destaca-se ainda uma concentração de crianças de 0 a 4 anos acima da média nos grupos 4, 5, 7 e 8. Os adolescentes concentram-se nos grupos 7 e 8, mas também estão acima da média nos grupo 6, 4 e 5.

**Tabela 3**  
**Características demográficas, segundo agrupamentos. Município de São Paulo, 2000.**

Grupos	% de crianças de 0 a 4 anos	% de jovens de 15 a 19 anos	Idade média do chefe (em anos)	% de chefes com menos de 30 anos	% de chefes do sexo feminino	% de chefes do sexo feminino com até 8 anos de escolaridade	% de chefes do sexo feminino com até 8 anos de escolaridade no total de chefes
Grupo 1 (Nenhuma privação)	6,0	6,5	46	11,7	33,1	18,4	6,1
Grupo 2 (Privação muito baixa)	6,4	8,1	48	11,4	31,0	39,5	12,2
Grupo 3 (Baixa privação e idosos)	5,8	8,8	50	8,8	30,0	63,7	19,1
Grupo 6 (Média-baixa privação e Idosos)	6,7	10,2	49	10,0	32,7	75,9	24,9
Grupo 4 (Média privação e adultos)	9,3	9,9	43	17,5	24,8	75,7	18,8
Grupo 5 (Alta privação e jovens)	13,6	9,8	38	28,0	21,5	86,4	18,5
Grupo 7 (Alta privação e adultos)	10,3	11,2	42	18,5	30,0	84,6	25,4
Grupo 8 (Altíssima privação e jovens)	13,7	11,1	38	27,4	28,6	91,8	26,3
Total	8,4	9,5	45	14,8	29,1	64,1	18,6

Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002.

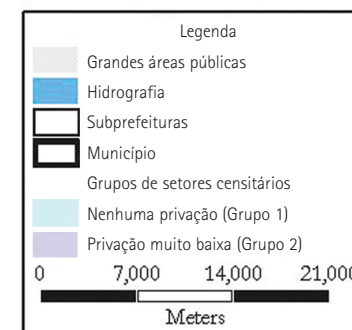
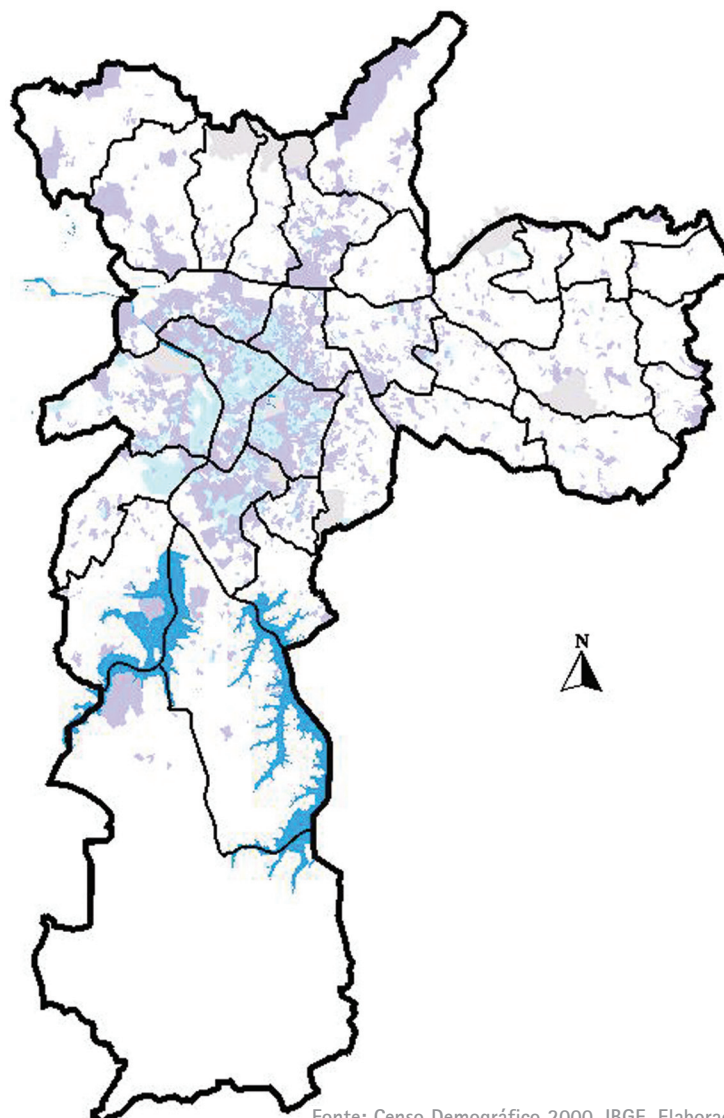
As cartografias que seguem apresentam a distribuição espacial desses grupos e uma descrição mais detalhada de seus conteúdos.

*As informações da Tabela 3 indicam que há grandes variações nas características de cada grupo, tanto entre os grupos expostos a baixas condições de privação quanto entre aqueles mais vulneráveis. Variáveis como presença de mulheres pouco escolarizadas e concentração de crianças pequenas variam inclusive nas áreas mais pobres, demandando atenções públicas específicas e particularizadas. Essas informações podem ser muito importantes no momento de se criarem projetos para essas áreas.*

### MAPA 3 Grupos de nenhuma vulnerabilidade ou de vulnerabilidade muito baixa. Município de São Paulo, 2000.

**Grupo 1 (Nenhuma privação):** Apresenta as melhores condições socioeconômicas do município (a renda média do chefe ultrapassa 28 SM), assim como baixa presença de crianças pequenas e adolescentes. Neste grupo, 33% dos responsáveis são do sexo feminino (o maior percentual entre todos os grupos), mas apenas 18% dessas mulheres possuem menos de 8 anos de escolaridade – o que representa 6,1% do total de chefes. Em resumo, pode-se dizer que ele agrega população mais rica, com alta escolaridade, poucas crianças, pouca densidade domiciliar e mulheres chefes em sua maioria com alta escolaridade.

**Grupo 2 (Privação muito baixa):** Assemelha ao grupo 1 em termos de condições de vida e presença de adolescentes, porém a idade média do responsável é um pouco mais alta e os níveis de renda e escolaridade, mais baixos. Neste grupo, cresce a proporção de mulheres chefes com até 8 anos de estudo (12,2% do total de chefes) e diminui o percentual de chefes com ensino fundamental completo (90,6% no grupo 1 contra 73,9% no grupo 2).

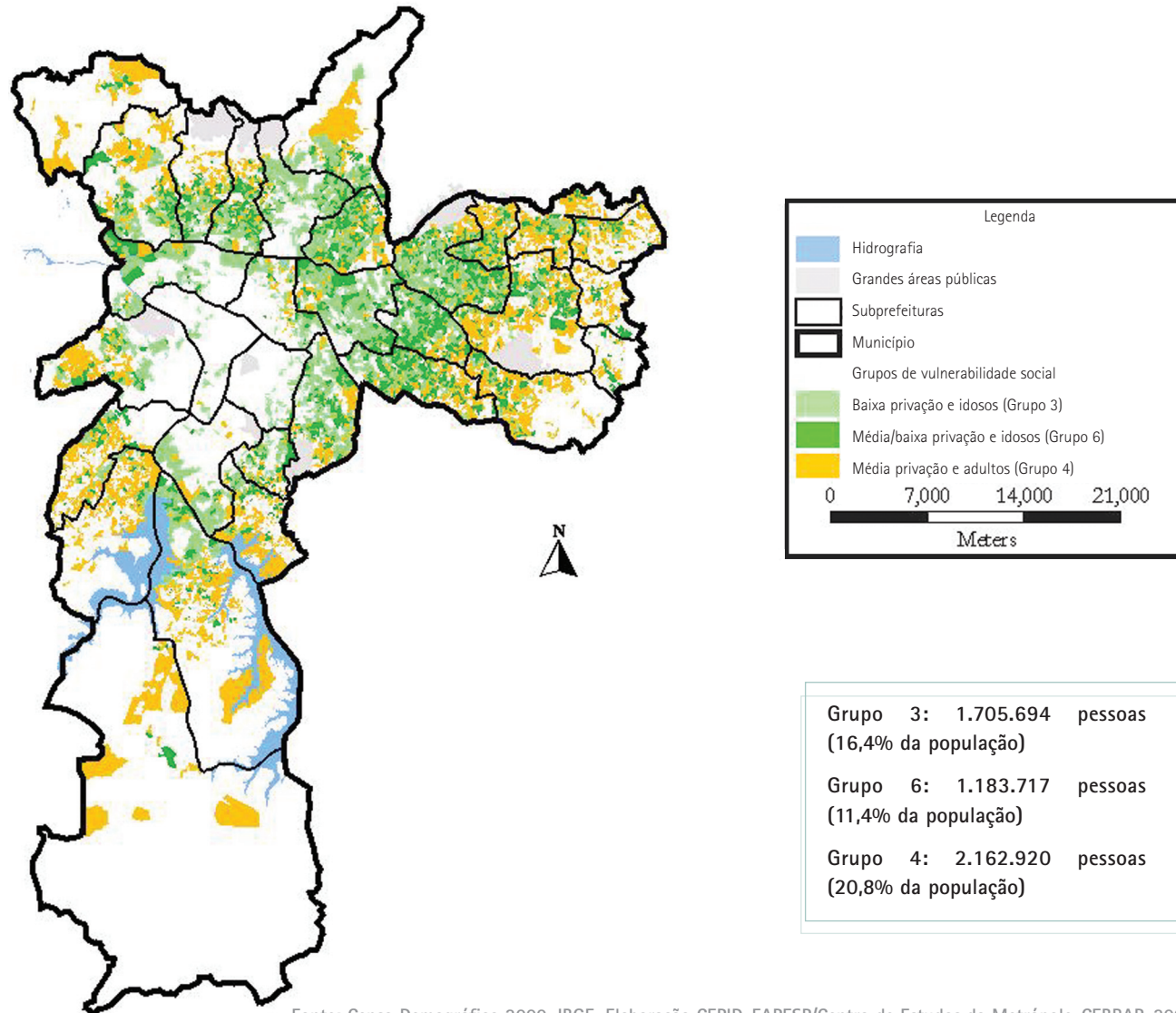


Grupo 1: 660.287 pessoas  
(6,3% da população)

Grupo 2: 1.642.744 pessoas,  
(15,8% da população)

Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002..

## MAPA 4 Grupos de baixa e média vulnerabilidade social. Município de São Paulo, 2000.



**Grupo 3 (Baixa privação – condições de precariedade socioeconômica médias e presença de famílias idosas):** Ocupa o terceiro lugar em condições socioeconômicas e caracteriza-se pela presença de famílias idosas, com os menores percentuais de crianças e de adolescentes do município (6% e 9%, respectivamente). Apesar de apresentar um elevado percentual de responsáveis pelo domicílio alfabetizados (97,2%), distancia-se dos grupos 1 e 2 quando consideram-se os chefes com ensino fundamental completo (57,7%). Em termos de rendimento, aproxima-se da média do município, com renda mensal dos chefes em torno de 8 SM.

**Grupo 6 (Média-baixa privação – condições de precariedade socioeconômica altas e presença de famílias idosas):** Este grupo apresenta características bastante interessantes: possui uma grande concentração de chefes mulheres (32,7%), sendo que 75% delas têm baixa escolaridade. Possui também chefes mais idosos, com baixa presença de crianças de 0 a 4 anos (6,7%), porém a presença de adolescentes equivale à média do município. Com renda média de 5,4 SM (bem mais baixa que a média de São Paulo), possui um perfil socioeconômico ligeiramente melhor que o do grupo 4.

**Grupo 4 (Média privação – condições de precariedade socioeconômica médias e presença de famílias adultas):** Este grupo apresenta características próximas às médias observadas para o total do município, com exceção dos rendimentos, que são bem inferiores (a renda média do chefe é de 4,6 SM). Mais jovem que o grupo 6, possui 9,3% de crianças pequenas e 17,5% dos chefes de domicílio com menos de 30 anos de idade.

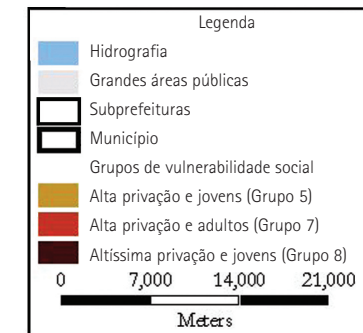
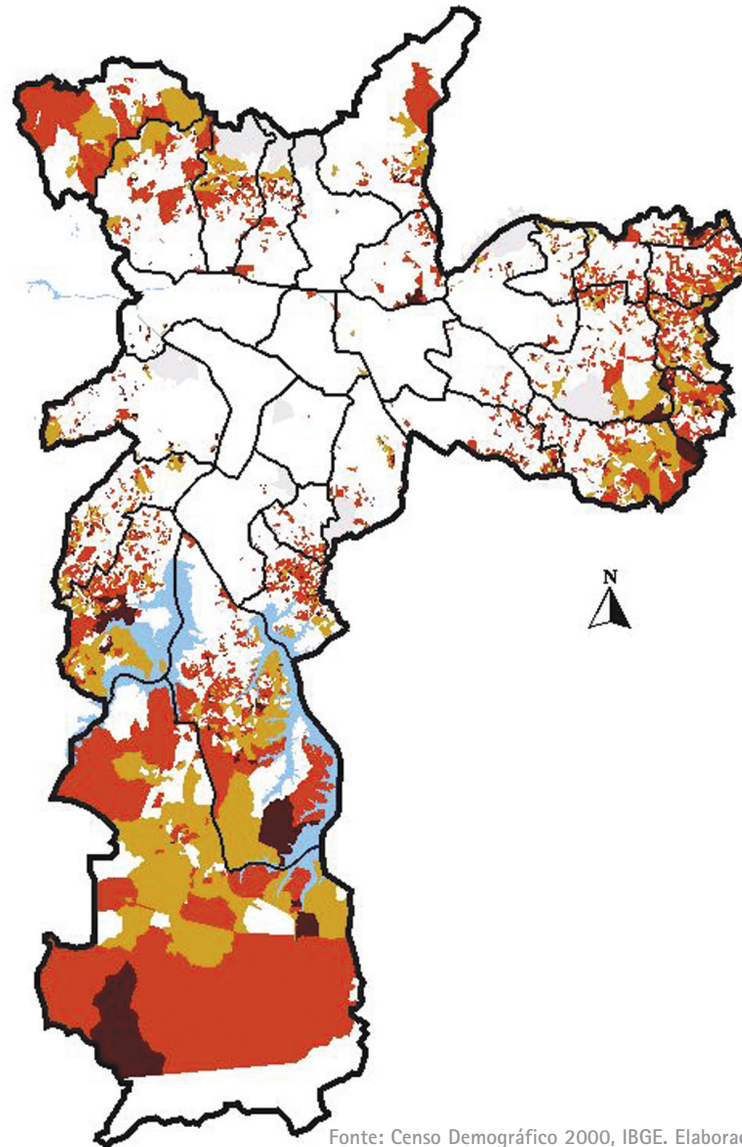
MAPA DA VULNERABILIDADE SOCIAL DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

**Grupo 5 (Alta privação – condições de precariedade socioeconômica médias e presença de famílias jovens):** Caracteriza-se pela presença de chefes jovens – idade média de 38 anos, 28% com idade entre 10 e 29 anos – com baixos níveis de rendimento (67,2% dos chefes ganham até 3 SM) e escolaridade (só 25% dos chefes de família têm ensino fundamental completo). É o segundo pior grupo nos indicadores de renda e escolaridade e tem altíssimo percentual de crianças pequenas, 13,6%, quando a média de São Paulo é 8,4%. Por outro lado, apresenta o menor percentual de chefes mulheres, 21,5%, das quais 86,4% têm baixa escolaridade.

**Grupo 7 (Alta privação – condições de precariedade socioeconômica altas e presença de famílias adultas):** Caracteriza-se pela presença de chefes adultos, com baixa renda (60,4% ganham até 3 SM) e baixa escolaridade (só 31,5% têm ensino fundamental completo, 13% são analfabetos). É o grupo com a maior concentração de adolescentes – 11,2% da população tem de 15 a 19 anos. Dos chefes, 25% são mulheres e têm baixa escolaridade.

**Grupo 8 (Altíssima privação):** Possui os piores indicadores do município. Tem simultaneamente a maior concentração de crianças de 0 a 4 anos (13,7% da população) e de adolescentes (11,1% da população tem entre 15 e 19 anos), ao lado de baixa idade média do responsável (38 anos). Quase 30% dos chefes têm menos de 30 anos de idade. Os indicadores de escolaridade são péssimos: 18,2% dos chefes são analfabetos, apenas 19,1% dos responsáveis têm ensino fundamental completo; e entre os responsáveis do sexo feminino, 91,8% possuem baixa escolaridade. Também apresenta os piores indicadores de renda: 75,9% dos responsáveis por domicílio ganham até 3 SM.

## MAPA 5 Grupos de alta e de altíssima vulnerabilidade social. Município de São Paulo, 2000.



Grupo 5:	779.509	pessoas
(7,5% da população)		
Grupo 7:	1.867.466	pessoas
(18,0% da população)		
Grupo 8:	399.312	pessoas
(3,8% da população)		

Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002.



### Comparação entre os grupos 1 e 2

Os grupos 1 e 2, com 22,1% da população, apresentam as melhores condições de vida do Município de São Paulo, englobando as famílias não vulneráveis, ou seja, não expostas à dimensão de privação socioeconômica nem à presença de famílias jovens com chefes pouco escolarizados e com muitas crianças. Do ponto de vista da distribuição espacial, o grupo 1 apresenta uma forte concentração nos distritos do vetor sudoeste do município, sendo praticamente inexistente nas demais áreas – o que confirma a enorme segregação espacial existente em São Paulo. No grupo 2, vemos uma localização mais dispersa, apesar da forte presença ao redor do núcleo sudoeste.

### Comparação entre os grupos 3, 6 e 4

O grupo 6 se situa abaixo da média do município e se aproxima do perfil encontrado no grupo 4. Juntos, os grupos 3 e 6 englobam 27,8% da população e se destacam especialmente pela presença de famílias idosas. Relativamente a renda e escolaridade, entretanto, as principais diferenças entre esses últimos dizem respeito às características dos chefes de domicílio. No grupo 6, chama atenção a presença de mulheres chefes pouco escolarizadas: no total de chefes, 25% são mulheres que têm no máximo Ensino Fundamental completo – o que aumenta a vulnerabilidade das famílias. Essa variável impacta as taxas de mortalidade infantil, as condições de acesso das crianças ao ensino, o rendimento escolar e muitos outros aspectos que também deveriam ser considerados no momento da elaboração de políticas para esses setores. Já no grupo 4, de composição etária mais jovem, destaca-se a presença de chefes de família com idade entre 10 e 29 anos – o que é também preocupante, quando se considera o perfil socioeconômico desse grupo, que apresenta maiores níveis de privação. Espacialmente, o grupo 6 também está localizado entre os grupos 3 e 4, sendo que o primeiro é mais central e o último, mais periférico.

### Comparação entre os grupos 5, 7 e 8

Esses três grupos apresentam os maiores níveis de vulnerabilidade social, sobrepostos a características demográficas que contribuem para tornar as famílias extremamente vulneráveis. O grupo 8 reúne os piores indicadores do município – com níveis de renda e escolaridade baixíssimos, grande proporção de crianças pequenas e adolescentes, e elevado percentual de famílias chefiadas por jovens, por mulheres com baixa escolaridade ou por pessoas analfabetas. Mesmo levando em consideração que esse grupo engloba apenas 3,8% da população, é imprescindível destacar que esse contingente está exposto às piores condições de privação social no Município de São Paulo. Em números absolutos, são 400 mil pessoas, das quais 65 mil são crianças com menos de 5 anos de idade.

Entre os grupos 5 e 7, também bastante pobres, há ligeiras diferenças demográficas – com o grupo 5 apresentando maior proporção de crianças e o grupo 7, maior proporção de adolescentes. Em relação aos chefes de família, vemos no grupo 5 uma maior presença de chefes jovens, enquanto no grupo 7 é maior a presença de mulheres chefes com até 8 anos de estudo (25,4 % do total de chefes).

Todos esses elementos, sobrepostos, ressaltam a necessidade de atenção especial às áreas incluídas **nestes grupos**, sobretudo se se considera sua localização espacial: os grupos mais vulneráveis estão concentrados nas periferias mais distantes, o que pode acabar reforçando sua exposição a riscos de diferentes tipos, como será destacado mais à frente.

*É preciso fazer aqui uma ressalva. Apesar de certas características socioeconômicas e demográficas se concentrarem em determinados grupos, isso não significa que estejam completamente ausentes em outros: muitas vezes estão presentes, mas em concentrações menores. É importante ressaltar isso para que se evite a descon sideração indevida de certas áreas do município no momento de definição das políticas públicas de assistência social.*